

ENTRE SEGREGAÇÃO E RECONHECIMENTO: A Maçonaria Prince Hall e sua chegada no Brasil**BETWEEN SEGREGATION AND RECOGNITION: Prince Hall Freemasonry and its arrival in Brazil**Diego Nuno Moraes de Freitas¹

RESUMO: A Maçonaria Prince Hall, formada nos Estados Unidos no final do século XVIII, consolidou-se como uma das mais importantes expressões fraternais associadas à luta por reconhecimento, igualdade racial e afirmação identitária no contexto afro-americano. Seu percurso histórico é atravessado por tensões sociopolíticas, segregação institucional e prolongadas disputas sobre regularidade, que moldaram não apenas sua estrutura interna, mas também suas relações com as Grandes Lojas *mainstream*. Ao longo das últimas décadas, a reavaliação historiográfica e o reconhecimento formal de sua legitimidade contribuíram para ampliar sua inserção no cenário internacional, permitindo o estabelecimento de interlocuções diplomáticas com diversas potências maçônicas, inclusive brasileiras. Este artigo examina a formação da Prince Hall Freemasonry, seus desdobramentos históricos, as transformações decorrentes de sua integração progressiva ao circuito maçônico universal e sua presença ainda incipiente, porém significativa, no Brasil, com base em literatura especializada, fontes primárias e debates historiográficos recentes.

Palavras-chave: Maçonaria. Prince Hall. História da Maçonaria. Igualdade racial. Maçonaria no Brasil. Segregação maçônica.

ABSTRACT: Prince Hall Freemasonry, established in the United States in the late eighteenth century, emerged as one of the most significant fraternal expressions linked to the struggle for recognition, racial equality, and identity affirmation within the African American experience. Its historical development has been shaped by sociopolitical tensions, institutional segregation, and long-standing disputes over regularity, all of which influenced both its internal organization and its relationship with mainstream Grand Lodges. In recent decades, historiographical reassessment and the formal acknowledgment of its legitimacy have expanded its presence within the international Masonic landscape, enabling diplomatic engagement with various Masonic jurisdictions, including Brazilian bodies. This article examines the origin of Prince Hall Freemasonry, its historical trajectory, the contemporary transformations resulting from its gradual integration into the universal Masonic circuit, and its emerging yet meaningful presence in Brazil, drawing on specialized literature, primary sources, and recent historiographical debates.

Keywords: Freemasonry. Prince Hall. Masonic History. Racial Equality. Freemasonry in Brazil. Masonic Segregation.

¹ Membro da Loja Cavaleiros da Nova Ordem n.º 4906, jurisdicionada a Grande Oriente do Brasil - Maranhão.

1. INTRODUÇÃO

A Maçonaria Prince Hall constitui um dos capítulos mais significativos, complexos e emblemáticos da história das sociabilidades iniciáticas no mundo. Sua trajetória, iniciada no final do século XVIII, articula elementos de resistência política, construção identitária, afirmação comunitária e disputa por legitimidade institucional, inserindo-se na interseção entre a história da diáspora africana, o fraternalismo anglo-americano e os processos de transformação social que moldaram os Estados Unidos ao longo de mais de duzentos anos. Longe de representar um ramo periférico da tradição maçônica, a Prince Hall Freemasonry consolidou-se como a maior e mais longeva organização maçônica afrodescendente do mundo, cujas bases rituais, administrativas e doutrinárias se enraízam diretamente na tradição inglesa, especialmente após a concessão da Carta da African Lodge n.º 459 pela Grand Lodge of England (Moderns), em 1784, documento cuja autenticidade e importância histórica foram posteriormente reafirmadas pela Grande Loja Unida da Inglaterra em 1994.

A relevância da Maçonaria Prince Hall ultrapassa, entretanto, o plano estritamente institucional. Seu surgimento resulta da exclusão racial sistemática que, entre os séculos XVIII e XX, permeou tanto a sociedade norte-americana quanto o campo maçônico *mainstream*, impedindo o ingresso de homens negros em Lojas compostas por brancos. Diante dessa barreira, a formação da Prince Hall Freemasonry representou não apenas a criação de uma Obediência própria, mas a construção de um espaço de autonomia social, moral, ritual e comunitária para afro-americanos. Como demonstram os principais estudos históricos sobre o tema, a Prince Hall tornou-se, durante décadas, eixo central de sociabilidade, formação cívica, mobilização política e preservação identitária dentro da comunidade negra, traduzindo em prática os ideais de fraternidade que lhes eram negados em outras instâncias.

O desenvolvimento da Prince Hall ao longo dos séculos XIX e XX evidencia uma combinação singular de continuidade ritualística, adaptação histórica e resistência institucional. Suas Grandes Lojas consolidaram sistemas administrativos robustos, garantindo sucessão legítima e regularidade ritual mesmo em períodos de forte hostilidade. Em paralelo, enfrentaram intensas disputas com as Grandes Lojas *mainstream*, que durante grande parte de sua existência recusaram reconhecer sua legitimidade, recusas fundamentadas não em questões doutrinárias, mas em barreiras raciais amplamente documentadas. O longo e complexo processo de reconhecimento, que se intensificou apenas a partir da segunda metade do século XX, tornou-se um marco na

história maçônica norte-americana ao confrontar diretamente práticas segregacionistas que contradiziam os princípios universalistas da Ordem. A partir da internacionalização da Prince Hall, especialmente após o reconhecimento pela UGLE, observou-se uma ampliação significativa de sua presença diplomática e historiográfica no cenário global. Potências maçônicas europeias, caribenhas, africanas e latino-americanas passaram a revisar narrativas tradicionais e a reconhecer oficialmente a regularidade da Prince Hall, contribuindo para reposicionar a Ordem como componente de relevância universal. Esse processo também se refletiu no Brasil, país marcado por profundas conexões históricas com a diáspora africana e por debates contemporâneos sobre identidade racial, pluralidade ritual e reconhecimento histórico. A inserção da tradição Prince Hall no Brasil, ainda recente e discreta, representa um fenômeno de grande importância cultural e institucional, ampliando o pluralismo maçônico e introduzindo novos elementos interpretativos no campo fraternal nacional.

Diante desse panorama, o presente trabalho tem como objetivo analisar, de forma abrangente e rigorosa, a formação, consolidação, estrutura interna e percurso histórico da Maçonaria Prince Hall, bem como os processos de segregação, conflitos jurisdicionais e reconhecimento institucional que moldaram sua trajetória. Examina-se também sua expansão internacional, com destaque para sua presença emergente no Brasil, destacando-se as implicações historiográficas, sociais e identitárias desse movimento. A investigação articula fontes acadêmicas, registros históricos e análises comparativas, buscando compreender a Prince Hall não apenas como instituição fraternal, mas como fenômeno histórico inserido nas dinâmicas mais amplas da diáspora africana, das lutas por igualdade e da evolução da própria Maçonaria no século XXI.

Assim, esta introdução situa o leitor diante de um objeto cuja complexidade ultrapassa os limites da historiografia maçônica tradicional e permite compreender como a Prince Hall Freemasonry, ao conjugar tradição, resistência, legitimidade e identidade afro-diaspórica, tornou-se componente essencial da Maçonaria universal contemporânea, projetando-se como modelo de pluralidade, memória e reintegração histórica.

2. FORMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA MAÇONARIA PRINCE HALL NOS ESTADOS UNIDOS

A formação e a consolidação da Maçonaria Prince Hall nos Estados Unidos constituem um fenômeno histórico singular, marcado pela interseção entre tradições maçônicas de matriz inglesa e a busca por cidadania, autonomia fraternal e

reconhecimento social por parte da população afrodescendente desde o final do século XVIII. Como observa Joseph A. Walkes Jr.², um dos principais historiadores do movimento, a Prince Hall Freemasonry nasceu diretamente da exclusão sistemática imposta pelas Lojas norte-americanas dominadas por brancos, que recusavam a iniciação de homens negros, mesmo quando livres e plenamente integrados à vida cívica da época. Essa barreira racial obrigou tais homens a construir suas próprias instituições para garantir acesso aos ritos iniciáticos, à educação moral e a formas organizadas de apoio fraterno (Walkes, 1994)³.

A compreensão desse processo exige reconhecer que a Maçonaria reflete o meio social em que está inserida, adaptando-se às circunstâncias históricas e culturais de cada contexto. Assim, a exclusão racial que permeou a sociedade norte-americana pré e pós-revolução americana influenciou profundamente as dinâmicas internas da instituição maçônica e moldou o surgimento de uma Obediência própria, voltada às necessidades e aos anseios da comunidade afrodescendente. A Maçonaria Prince Hall tornou-se, nesse contexto, um espaço simultaneamente de resistência à segregação e de afirmação identitária.

Entre o século XIX e o início do XX, a Maçonaria Prince Hall consolidou suas bases institucionais por meio da criação de Lojas locais, da emissão de cartas constitutivas e da formação de Grandes Lojas estaduais soberanas. Esse processo seguiu o modelo administrativo anglo-americano, mas incorporou adaptações que asseguravam autonomia, continuidade iniciática e unidade doutrinária. As Grandes Lojas Prince Hall não surgiram como dissidências ocasionais, mas como instituições firmemente enraizadas na tradição maçônica inglesa. Esse enraizamento foi possível porque a African Lodge nº 459 recebeu sua Carta diretamente da Grand Lodge of England (Moderns) em 1784, um fato amplamente documentado e decisivo para a argumentação de regularidade que sustentaria o movimento ao longo dos séculos.

No plano ritualístico, a Maçonaria Prince Hall preservou a estrutura simbólica e filosófica do sistema inglês (rito de York), ao mesmo tempo em que desenvolveu interpretações próprias dos Landmarks e adaptações cerimoniais coerentes com a experiência afro-americana. A fidelidade à tradição e a continuidade iniciática foram princípios centrais em sua consolidação, garantindo padronização ritual e administrativa que fortaleceu sua legitimidade histórica e institucional.

A expansão geográfica acompanhou os deslocamentos populacionais e o crescimento das

comunidades negras nos centros urbanos durante o século XIX. As Lojas Prince Hall tornaram-se importantes polos de sociabilidade, educação cívica, apoio comunitário e formação de lideranças, funções que Walkes descreve como “a espinha dorsal organizacional da comunidade afro-americana durante os períodos mais rigorosos de segregação legalizada” (Walkes, 1994). Em diversos estados, atuaram como centros de mobilização política e como instituições que preservavam a memória coletiva e a identidade da população negra.

Entre o final do século XIX e o início do XX, a legitimidade da Maçonaria Prince Hall tornou-se tema de intenso debate dentro e fora do contexto maçônico norte-americano. A discussão sobre sua regularidade envolveu análises históricas, jurídicas e rituais, refletindo tanto a busca por reconhecimento quanto os desafios impostos pelo racismo institucional da época. Esses embates contribuíram para fortalecer a identidade e a autonomia das Grandes Lojas Prince Hall, que continuaram a afirmar sua legitimidade com base em fundamentos históricos e na continuidade de suas tradições iniciáticas.

A partir da segunda metade do século XX, impulsionado pelo movimento dos direitos civis e por transformações sociopolíticas mais amplas, iniciou-se um processo gradual de reconhecimento recíproco entre várias Grandes Lojas estadunidenses e a Prince Hall. Esse movimento refletiu tanto pressões externas quanto uma necessidade interna de alinhar a prática maçônica às suas declarações universais de fraternidade. Ainda que não completamente uniforme em todos os estados, o avanço do reconhecimento consolidou a Prince Hall como uma das principais instituições maçônicas do país e como Obediência plenamente legítima no cenário internacional.

Assim, a Maçonaria Prince Hall se afirma como uma organização historicamente resiliente, socialmente relevante e ritualmente legítima. Representa hoje não apenas a maior expressão maçônica afrodescendente do mundo, mas também um dos pilares fundamentais da história da Maçonaria e um marco no diálogo entre tradição fraternal e lutas por igualdade.

3. ESTRUTURAS INTERNAS, DOCTRINA E DINÂMICA ORGANIZACIONAL DA MAÇONARIA PRINCE HALL

A consolidação da Maçonaria Prince Hall vai além da formação inicial de suas Lojas e se afirma como um sistema institucional complexo, sustentado por princípios de autonomia, continuidade ritualística e

² Joseph A. Walkes Jr. (1933–2006) foi pesquisador e líder da Maçonaria Prince Hall, fundador da Phylaxis Society e autor de obras fundamentais sobre a história da Maçonaria afro-americana.

³ WALKES Jr., Joseph A. **Black Square and Compass: 200 Years of Prince Hall Freemasonry**. Richmond: Macey Publishing, 1994.

coerência doutrinária. Esse desenvolvimento demonstra a construção de uma Obediência cuja estrutura sólida lhe permitiu resistir, por mais de dois séculos, às oscilações políticas e às barreiras raciais, mantendo-se coesa e funcional. A longevidade da Prince Hall Freemasonry decorre não apenas de sua regularidade histórica, mas também de sua capacidade de adaptar modelos tradicionais de governança às demandas específicas da experiência afro-americana.

Ao longo dos séculos, a Ordem desenvolveu um sistema administrativo rigoroso e um corpo doutrinário sensível às realidades sociais vivenciadas pelas comunidades negras, sem afastar-se dos Landmarks universais da Maçonaria simbólica. Essa combinação de fidelidade à tradição e sensibilidade ao contexto histórico confere à Prince Hall um lugar singular dentro do universo maçônico.

3.1. Estrutura de Governança e Autoridade das Grandes Lojas Prince Hall

As Grandes Lojas Prince Hall estruturam-se como instituições soberanas e plenamente autônomas, seguindo o modelo de governança anglo-americano que caracteriza a Maçonaria simbólica desde o século XVIII. Cada Grande Loja exerce autoridade exclusiva sobre sua jurisdição, abrangendo a administração interna, a supervisão ritualística, a concessão de cartas constitutivas e a preservação da regularidade das Lojas subordinadas. Esse sistema de soberania jurisdicional, amplamente reconhecido no direito maçônico internacional, garante a independência administrativa e a continuidade histórica das Obediências estaduais.

No caso da Prince Hall Freemasonry, a concepção de soberania reflete a tradição herdada da antiga Grand Lodge of England, da qual a African Lodge n.º 459 recebeu sua carta constitutiva em 1784. Desde então, a organização manteve o princípio segundo o qual cada Grande Loja possui autoridade originária para constituir e administrar suas Lojas, assegurar a ortodoxia ritual e preservar a regularidade simbólica. Tal estrutura administrativa consolidou-se como um dos pilares da estabilidade institucional da Prince Hall, permitindo-lhe resistir a períodos de segregação e consolidar sua legitimidade no contexto maçônico internacional.

O Grão-Mestre figura como liderança máxima, responsável tanto pela direção política da Obediência quanto pela preservação da ortodoxia ritual. Ele atua também como representante diplomático em tratativas interestaduais e internacionais, especialmente diante de debates históricos sobre reconhecimento. A seu lado, os Grandes Vigilantes exercem supervisão disciplinar

e ritualística; o Grande Secretário organiza e preserva a documentação institucional; e o Grande Tesoureiro administra os recursos financeiros, assegurando previsibilidade e estabilidade.

Esse arcabouço jurídico-administrativo consolidou-se ao longo do século XIX como um instrumento de resistência institucional diante da segregação racial que marcava a sociedade norte-americana. A estrutura organizacional da Prince Hall Freemasonry, baseada na autonomia jurisdicional, na sucessão legítima e na padronização ritual, funcionou como um mecanismo de continuidade histórica e de afirmação identitária. Mesmo diante da exclusão imposta pelas Obediências brancas, a manutenção de um sistema próprio de governança, com procedimentos administrativos e rituais preservados, assegurou à Prince Hall a capacidade de sustentar sua legitimidade e afirmar-se como uma potência regular e soberana. Essa coerência institucional foi decisiva para que o movimento atravessasse períodos de hostilidade e permanecesse coeso, configurando-se como um dos mais duradouros exemplos de organização fraternal afrodescendente no mundo ocidental.

3.2. Regularidade, Jurisdição e Reconhecimento Maçônico

A questão da regularidade constitui um dos elementos centrais da história da Maçonaria Prince Hall. Durante décadas, sua legitimidade foi contestada por razões raciais e não doutrinárias, apesar da ampla documentação histórica que comprova a origem regular do movimento. É reconhecida a autenticidade da Carta de 29 de setembro de 1784, concedida pela Grand Lodge of England (Moderns) à African Lodge n.º 459, considerada o documento fundador que garante legitimidade plena à organização estabelecida por Prince Hall. As contestações à sua regularidade estiveram relacionadas a fatores políticos e raciais, e não a questões rituais ou jurídicas. A negação de reconhecimento, frequentemente justificada por argumentos administrativos, refletia motivações segregacionistas. Ainda assim, a sucessão histórica e ritualística da Prince Hall manteve-se contínua e legítima, assegurando-lhe o status de Obediência regular e soberana dentro da tradição maçônica.

Frente à exclusão persistente, a Prince Hall Freemasonry desenvolveu padrões internos rigorosos de regularidade, assegurando sucessão legítima, ortodoxia ritual e autonomia soberana de suas Grandes Lojas estaduais. Essa postura funcionou como um mecanismo de resistência institucional diante das barreiras impostas pela segregação, fortalecendo o discurso de legitimidade e continuidade histórica da Ordem em meio às disputas Interjurisdicionais.

A partir da segunda metade do século XX, o debate sobre o reconhecimento da Maçonaria Prince Hall passou por uma transformação profunda. A revisão de documentos históricos, o trabalho de pesquisadores dedicados à reinterpretação da história maçônica, a pressão exercida pelos movimentos em defesa dos direitos civis e a análise crítica de práticas discriminatórias levaram diversas Grandes Lojas tradicionais a reconhecer formalmente suas correspondentes Prince Hall. Esse processo marcou o início de uma nova etapa nas relações maçônicas norte-americanas, na qual o diálogo e a cooperação começaram a substituir a segregação e a desconfiança. Embora ainda persistam algumas diferenças entre jurisdições, o cenário contemporâneo demonstra um avanço significativo rumo à integração e ao reconhecimento mútuo.

3.3. Doutrina, Ritualística e Construção Identitária Afro-Maçônica

A doutrina da Maçonaria Prince Hall mantém os princípios fundamentais da Maçonaria simbólica, mas desenvolveu-se de forma profundamente ligada à experiência histórica da população afro-americana. Seus rituais, baseados no modelo inglês-americano, incorporam interpretações sutis que refletem a busca por fortalecimento moral, solidariedade social e reconstrução coletiva diante das adversidades impostas pela discriminação. A ritualística, nesse contexto, funciona não apenas como meio de elevação espiritual e aperfeiçoamento individual, mas também como instrumento de reafirmação da dignidade comunitária e preservação da identidade afro-diaspórica, valores que sustentam a essência simbólica e social da Prince Hall Freemasonry.

4. SEGREGAÇÃO, RECONHECIMENTO E CONFLITOS INTERNOS NO CAMPO MAÇÔNICO NORTE-AMERICANO

A trajetória da Maçonaria Prince Hall nos Estados Unidos foi profundamente marcada por disputas em torno de legitimidade, regularidade e autoridade jurisdicional. Durante quase dois séculos, o movimento enfrentou barreiras impostas por práticas raciais arraigadas na sociedade norte-americana e reproduzidas dentro das próprias instituições maçônicas. Esse cenário produziu um campo fraternal fragmentado, no qual a segregação racial se tornou elemento estruturante das relações entre Obediências. A exclusão não se manifestou apenas por atitudes individuais, mas por mecanismos institucionais que, em maior ou menor grau, reforçavam hierarquias de poder e consolidavam a marginalização das Lojas formadas por afro-americanos.

A interpretação desse processo exige considerar tanto o contexto da escravidão e das legislações segregacionistas quanto as especificidades do modelo maçônico anglo-americano, que historicamente concedeu ampla autonomia às Grandes Lojas estaduais. Essa autonomia permitiu que critérios raciais se transformassem, com o tempo, em normas tácitas ou explícitas, gerando sistemas paralelos de pertencimento e participação, a tradição maçônica dos Estados Unidos espelhou, de forma inevitável, as tensões raciais que estruturavam a sociedade americana.

4.1. A Estrutura Segregacionista da Maçonaria Norte-Americana

Durante o século XIX, a segregação que se consolidava no país encontrou eco no universo maçônico. Em diversas jurisdições, as Grandes Lojas compostas majoritariamente por homens brancos passaram a adotar restrições explícitas ou implícitas à iniciação de negros. Algumas justificavam tais práticas como expressão das “tradições sociais locais”, enquanto outras argumentavam que a presença de negros poderia “desarmonizar” a convivência ritual.

Como consequência, homens negros livres foram sistematicamente impedidos de ingressar nas Lojas *mainstream*, mesmo quando pagavam impostos, serviam no exército e participavam da vida cívica. A Prince Hall Freemasonry emergiu, portanto, não como dissidência, mas como resposta institucional a esse sistema de exclusão. Seu desenvolvimento paralelo criou um campo maçônico duplo: uma tradição branca e hegemônica e uma tradição negra, autônoma e resiliente. Essa duplicidade tornou-se traço definidor da maçonaria norte-americana por mais de um século.

4.2. Conflitos de Regularidade e Disputas por Legitimidade

Os conflitos não se restringiram à questão racial, estendendo-se também ao campo da regularidade maçônica. Em diversas jurisdições, as Grandes Lojas tradicionais questionavam a legitimidade da African Lodge n.º 459 e das organizações que dela se originaram, alegando que a Carta de 1784 carecia de validade ou continuidade. No entanto, estudos historiográficos posteriores demonstraram que tal documento possui autenticidade e relevância histórica inquestionáveis, consolidando a legitimidade da Prince Hall como uma instituição plenamente regular dentro dos princípios da maçonaria simbólica.

A recusa de reconhecimento se manifestava em ações práticas: proibição de eventos compartilhados, impedimento do comparecimento de membros Prince Hall a reuniões públicas,

deslegitimação de iniciações e circulação de pareceres que questionavam a sucessão histórica da Ordem. Em alguns estados, como registra PrinceHall.org⁴, conflitos prolongados comprometeram até mesmo atividades filantrópicas e iniciativas Inter fraternais.

As tensões foram particularmente intensas durante a primeira metade do século XX, quando movimentos segregacionistas reforçaram a postura das Obediências brancas. A Prince Hall Freemasonry, por sua vez, consolidou sua autoridade histórica, aprimorou mecanismos administrativos e estabeleceu redes próprias de reconhecimento, inclusive com Grandes Lojas europeias, fortalecendo sua posição internacional.

4.3. Reconciliação Parcial e Caminhos de Reconhecimento Mútuo

O cenário começou a se modificar apenas após a Segunda Guerra Mundial e, de maneira mais profunda, após as legislações dos direitos civis da década de 1960. A revisão crítica das práticas discriminatórias levou várias Grandes Lojas *mainstream* a reexaminar sua postura histórica. Em muitos casos, esse processo exigiu longas deliberações, resistência de setores conservadores e esforços de diplomacia interna.

Os primeiros reconhecimentos mútuos ocorreram de forma experimental, em estados como Connecticut e Massachusetts, onde a história da Prince Hall já era amplamente documentada. Com o passar do tempo, acumulou-se um número crescente de jurisdições que formalizaram relações de igualdade, embora o processo tenha ocorrido em velocidades muito distintas. Reportagens da IstoÉ⁵ e da Revista Raça⁶ revelam que, mesmo no final do século XX, ainda existiam estados resistentes, demonstrando como o legado da segregação permanece como memória institucional difícil de superar.

O reconhecimento, entretanto, alterou profundamente o panorama maçônico. A Prince Hall passou a participar de iniciativas conjuntas, de intercâmbios diplomáticos e de eventos compartilhados, ampliando sua inserção no circuito maçônico internacional.

4.4. Permanências, Rupturas e Desafios Contemporâneos

Apesar dos avanços, desafios permanecem. Algumas jurisdições continuam a apresentar resistências históricas, e debates sobre reparação

simbólica ou reinterpretação de documentos antigos ainda provocam tensões internas. O campo maçônico norte-americano permanece marcado por memórias de exclusão que, embora não mais institucionalizadas, continuam a influenciar percepções e relações.

Por outro lado, o processo de reconhecimento abriu espaço para novos modelos de convivência fraternal. Iniciativas conjuntas de filantropia, reuniões públicas compartilhadas e diálogos interjurisdicionais tornaram-se mais comuns. A Prince Hall Freemasonry, nesse novo contexto, consolidou-se como protagonista na reinterpretação simbólica e social da tradição maçônica, trazendo para o centro do debate temas como diversidade, representatividade e responsabilidade social.

A presença Prince Hall reforça a compreensão de que a Maçonaria norte-americana é plural em sua origem e em suas expressões, abrigando trajetórias distintas que, somadas, compõem um mosaico complexo de identidades e práticas. Sua história desloca leituras simplistas e evidencia que a Maçonaria, assim como a sociedade que a abriga, evolui, reinterpreta-se e enfrenta seus próprios limites.

5. O PROCESSO DE RECONHECIMENTO DA PRINCE HALL PELA MAÇONARIA MAINSTREAM

O processo de reconhecimento da Maçonaria Prince Hall pelas Grandes Lojas *mainstream* constitui um dos capítulos mais complexos e politicamente sensíveis da história maçônica norte-americana. Durante mais de dois séculos, a coexistência de duas estruturas paralelas, uma composta majoritariamente por maçons brancos e outra formada por afro-americanos, refletiu de maneira direta as desigualdades raciais que moldaram a sociedade dos Estados Unidos. Essa dualidade institucional não resultou de diferenças ritualísticas ou doutrinárias, mas de barreiras raciais que impediram a integração plena dos maçons negros no sistema jurisdicional dominante. Assim, a segregação maçônica deve ser compreendida dentro do amplo contexto segregacionista que definiu a vida social, jurídica e política do país desde o período colonial até as transformações da segunda metade do século XX. A recusa das Grandes Lojas formadas majoritariamente por maçons brancos em reconhecer a legitimidade da Prince Hall Freemasonry baseou-se historicamente em

⁴ PrinceHall.org. Prince Hall Freemasonry – Official Website. Disponível em: <https://princehall.org/prince-hall-freemasonry/>

⁵ IstoÉ. Prince Hall: saiba o que é e quem faz parte da maçonaria negra no Brasil. 2023. Disponível em: <https://istoe.com.br/prince-hall-saiba-o-que-e-e-quem-faz-parte-da-maconaria-negra-no-brasil/>

⁶ Revista Raça. Maçonaria Prince Hall: história, expansão e consolidação no Brasil. 2022. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/maconaria-prince-hall-historia-expansao-e-consolidacao-no-brasil/>

argumentos de soberania jurisdicional. Contudo, tais justificativas encobriam motivações de natureza racial, refletindo a resistência das elites maçônicas em aceitar a igualdade fraternal entre homens brancos e negros. A African Lodge n.º 459, fundada em Boston, recebeu em 29 de setembro de 1784 uma carta legítima da Grand Lodge of England (Moderns), enquadrando-se nos critérios tradicionais de regularidade maçônica. O fato de uma Loja composta por homens negros livres possuir uma carta inglesa autêntica desafiava diretamente a narrativa de supremacia territorial e simbólica cultivada pelas Grandes Lojas estadunidenses recém-independentes. Assim, o conflito não se originava em divergências ritualísticas ou doutrinárias, mas na rejeição social e institucional de reconhecer aos afro-americanos os mesmos direitos maçônicos e fraternais.

Durante o século XIX e boa parte do século XX, consolidou-se um silêncio institucional orientado pela preservação da segregação. Enquanto a Prince Hall se expandia, constituía Grandes Lojas estaduais e estruturava sistemas administrativos completos, a Maçonaria *mainstream* evitava qualquer forma de reconhecimento que pudesse implicar legitimidade para instituições afro-americanas. Dessa maneira, a dualidade institucional, duas tradições que compartilhavam a mesma base ritual, mas eram divididas por critérios raciais, tornou-se elemento permanente da paisagem maçônica dos Estados Unidos.

A mudança de cenário ocorreu apenas após a Segunda Guerra Mundial, quando transformações sociais profundas, o avanço dos direitos civis e debates sobre democracia e igualdade pressionaram as fraternidades a revisitar suas práticas. A transformação não derivou de disputas ritualísticas, mas da percepção crescente de que a segregação contradizia princípios fundamentais proclamados pela própria Maçonaria. A partir da década de 1980, diversas Grandes Lojas *mainstream* iniciaram estudos historiográficos sérios sobre a Prince Hall, revisando documentos ingleses, confrontando narrativas internas e reavaliando decisões tomadas no século XIX.

Os anos 1990 marcaram o *turning point*. Estados como Connecticut, Wisconsin e Colorado foram pioneiros no reconhecimento mútuo pleno, estabelecendo acordos de intervisitação, cooperação administrativa e equivalência ritualística. Esses avanços refletiam mudanças mais amplas na sociedade americana e respondia à constatação crescente de que manter a segregação violava a tradição liberal-democrática que a Maçonaria afirmava representar. O processo, entretanto, não foi linear. Em estados do sul, onde a segregação racial fora mais intensa, resistências perduraram até o início do século XXI. Algumas jurisdições adotaram inicialmente modelos

intermediários, como o reconhecimento limitado (*comity*), enquanto outras avançaram diretamente para reconhecimento pleno.

Nas últimas três décadas, acumulou-se um movimento consistente em direção à integração plena. Hoje, praticamente todas as Grandes Lojas estaduais reconhecem oficialmente a Prince Hall Freemasonry, consolidando um novo paradigma institucional. Embora a integração cultural ainda varie conforme a localidade, em algumas regiões, Lojas Prince Hall e *mainstream* coexistem com interação limitada.

A repercussão internacional desse processo foi imediata. Após a mudança de postura das Grandes Lojas norte-americanas, potências maçônicas europeias, latino-americanas e caribenhas passaram a reconhecer formalmente a Prince Hall, ampliando sua legitimidade global e intensificando sua presença diplomática. Relatórios publicados por organizações como a PrinceHall.org⁴ e análises jornalísticas (IstoÉ⁵, Revista Raça⁶) indicam que, desde então, a Ordem viu aumentar significativamente sua participação em congressos internacionais, visitas oficiais e intercâmbios culturais com Lojas de outros continentes.

Assim, o reconhecimento da Prince Hall Freemasonry não representa apenas um ajuste administrativo, mas uma mudança paradigmática na história maçônica dos Estados Unidos. O processo evidencia, ainda que de forma tardia, a capacidade das potências maçônicas de revisitar sua própria história, corrigir distorções e reafirmar princípios de igualdade e fraternidade que, durante décadas, foram negligenciados na prática.

6. DESDOBRAMENTOS INTERNACIONAIS DA MAÇONARIA PRINCE HALL

A internacionalização da Maçonaria Prince Hall é um processo relativamente recente em comparação à longevidade de sua tradição nos Estados Unidos. Durante mais de um século e meio, a organização manteve-se concentrada em território norte-americano, tanto pela ausência de reconhecimento externo quanto pela forte vinculação de sua identidade à experiência afro-americana. Somente a partir da segunda metade do século XX, e de forma mais consistente nas últimas décadas, observou-se uma expansão relevante de sua presença no cenário maçônico internacional. Esse movimento foi impulsionado pelo amadurecimento institucional da Obediência e pelas transformações globais nos debates sobre regularidade, igualdade e inclusão racial.

O avanço dos direitos civis nos Estados Unidos, conforme analisa Dumenil (1984)⁷, modificou o papel das fraternidades americanas e ampliou sua sensibilidade às pautas sociais, preparando terreno para uma abertura institucional sem precedentes. A consolidação da identidade maçônica afrodescendente permitiu que a Prince Hall se apresentasse ao exterior como potência ritualisticamente legítima e historicamente significativa. Esse reposicionamento foi determinante para que potências estrangeiras revisassem narrativas antigas, muitas das quais haviam sido influenciadas por Obediências mainstream que, durante décadas, contestaram a legitimidade da Prince Hall por razões essencialmente raciais.

O marco decisivo ocorreu em 1994, quando a Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE) confirmou oficialmente que a African Lodge n.º 459, matriz histórica da Prince Hall, havia recebido carta regular da Grand Lodge of England (Moderns) em 1784. Essa declaração foi um divisor de águas, pois eliminou, em âmbito internacional, qualquer dúvida sobre a regularidade de origem do movimento. Após esse pronunciamento, potências europeias, africanas e latino-americanas iniciaram processos formais de aproximação, e o reconhecimento tornou-se progressivamente mais amplo.

No Caribe, onde a presença afro-diaspórica tem grande peso na construção de identidades coletivas, a integração ocorreu de forma rápida. Países como Jamaica e Bahamas estabeleceram relações amistosas com a Prince Hall, interpretando a Ordem como extensão simbólica da própria história da diáspora negra na região. Essas aproximações ocorreram tanto por afinidades culturais quanto pela equivalência ritualística com o rito de York, praticado amplamente no Caribe.

Na África a Prince Hall encontrou terreno fértil para cooperação devido à existência de tradições maçônicas consolidadas e influenciadas tanto pelo sistema inglês quanto pelo norte-americano. Países como Gana, Nigéria e Libéria mantêm relações de respeito e cooperação com Lojas Prince Hall, reconhecendo o movimento como parte da herança afro-atlântica compartilhada.

Na Europa, o processo de aproximação foi mais gradual, embora igualmente relevante. À medida que potências europeias revisaram documentos históricos da African Lodge e reavaliaram as narrativas maçônicas produzidas nos Estados Unidos ao longo do século XIX, tornou-se evidente que as antigas alegações de “irregularidade” da Prince Hall careciam de base ritualística ou histórica. Em países como França, Alemanha e Bélgica, essa aproximação ocorreu principalmente

por meio de intercâmbios acadêmicos, visitas protocolares e participação em congressos maçônicos internacionais. Ainda que algumas potências mantenham certa cautela por razões de política interna, o reconhecimento da legitimidade histórica e da relevância institucional da Prince Hall é hoje amplamente aceito nos círculos maçônicos e historiográficos europeus.

Outro vetor fundamental de internacionalização foi a atuação das Forças Armadas norte-americanas, militares afro-americanos estacionados em bases no exterior fundaram Lojas Prince Hall em países como Alemanha, Itália, Japão e Coreia do Sul. Essas Lojas, vinculadas às jurisdições estaduais americanas, funcionam como pontos de difusão da tradição Prince Hall e, em alguns casos, facilitaram a construção de diálogos diplomáticos com potências locais.

A expansão da Prince Hall também se manifesta no campo do conhecimento e da produção acadêmica. No Brasil, pesquisas recentes têm se dedicado a investigar a presença de maçons vinculados à tradição Prince Hall e sua relação com debates sobre raça, identidade e reconhecimento social. Essa abordagem representa um avanço importante na historiografia maçônica brasileira, pois amplia as perspectivas históricas sobre a participação de grupos minoritários dentro das fraternidades e introduz novas reflexões sobre o papel da Maçonaria na formação de identidades afro-diaspóricas e na promoção da igualdade dentro das instituições iniciáticas.

Assim, os desdobramentos internacionais da Maçonaria Prince Hall não se limitam à abertura diplomática ou à ampliação de reconhecimento. Eles representam a inserção de uma tradição maçônica afrodescendente no circuito global, com impacto direto nos debates contemporâneos sobre pluralidade maçônica, cidadania, igualdade e memória histórica. A Prince Hall, antes confinada a fronteiras impostas por sistemas segregacionistas, tornou-se um componente integral da Maçonaria universal, projetando para o cenário internacional não apenas sua regularidade, mas também a profundidade simbólica e política de sua trajetória.

7. A INSERÇÃO DA MAÇONARIA PRINCE HALL NO BRASIL

A presença da Maçonaria Prince Hall no Brasil constitui um fenômeno recente, historicamente relevante e ainda em processo de consolidação, cuja análise exige considerar a intersecção entre a história da maçonaria afrodescendente, a formação do campo maçônico brasileiro e as dinâmicas contemporâneas da diáspora africana no Atlântico. Enquanto a Maçonaria brasileira, desde o século

7 DUMENIL, Lynn. *Freemasonry and American Culture, 1880–1930*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

XIX, estruturou-se predominantemente sob influências europeias, especialmente de potências inglesas, francesas e portuguesas e, posteriormente, sob influxos norte-americanos *mainstream*, a tradição Prince Hall permaneceu ausente do cenário nacional até as últimas décadas do século XX. Tal ausência não decorre de incompatibilidade ritualística ou doutrinária, mas da persistência de narrativas segregacionistas oriundas dos Estados Unidos, que influenciaram por muito tempo a percepção internacional sobre a regularidade Prince Hall.

A aproximação brasileira com a Prince Hall Freemasonry só se tornou viável após a revisão historiográfica realizada por pesquisadores norte-americanos e europeus e, sobretudo, após o reconhecimento formal da regularidade da African Lodge n.º 459 pela Grande Loja Unida da Inglaterra em 1994. Esse reconhecimento retirou o tema da esfera das controvérsias doutrinárias e o reposicionou no campo da legitimidade histórica, abrindo caminho para que potências estrangeiras, inclusive as brasileiras, revisassem suas interpretações tradicionais.

A inserção da tradição Prince Hall em território brasileiro ocorreu de maneira gradual e multifacetada. Inicialmente, estabeleceu-se por meio de contatos informais entre maçons norte-americanos, civis, pesquisadores, militares e maçons brasileiros interessados na história da maçonaria afrodescendente. A internacionalização da Prince Hall nas últimas décadas esteve fortemente associada à circulação de militares afro-americanos servindo no exterior, que frequentemente mantinham atividades maçônicas regulares sob jurisdição Prince Hall. No Brasil, essa dinâmica encontrou receptividade especialmente em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, historicamente marcados por intensa mobilidade internacional, forte presença afro-diaspórica e ambientes culturais sensíveis a discussões sobre identidade racial.

A imprensa brasileira, tanto a especializada quanto a de temática racial, desempenhou papel relevante na difusão do tema. Reportagens publicadas em veículos como IstoÉ (2023), Revista Raça (2022) e Terra⁸ (2023) evidenciam que a chegada da tradição Prince Hall ao Brasil despertou curiosidade e interesse não apenas por sua estrutura ritualística, mas principalmente por sua trajetória histórica enquanto organização fraternal afrodescendente que desempenhou papel crucial na formação política, educacional e comunitária de afro-americanos. Essa receptividade dialoga

diretamente com o contexto brasileiro, marcado por debates contemporâneos acerca da desigualdade racial, da memória escravocrata e do papel das instituições civis na promoção da cidadania negra.

A partir dos anos 2000, observa-se um movimento de institucionalização mais evidente. Embora a presença da Prince Hall no Brasil não tenha assumido a forma de uma Grande Loja nacional independente, como ocorre nos Estados Unidos, existem entidades vinculadas à tradição Prince Hall atuando em território brasileiro. Um exemplo documentado é a **Grande Loja Prince Hall São Paulo**, cuja existência pública evidencia um nível concreto de implantação da tradição Prince Hall no país, embora em escala discreta e compatível com a natureza reservada da maçonaria. A atividade dessas entidades caracteriza-se pela manutenção da ritualística Prince Hall, pela sustentação de vínculos administrativos com jurisdições norte-americanas e pela participação em redes fraternais de diálogo internacional.

Do ponto de vista institucional, a aproximação das potências maçônicas brasileiras com a tradição Prince Hall esteve relacionada a um processo de análise documental e de reavaliação historiográfica conduzido por diversas Grandes Lojas estaduais. A Maçonaria brasileira, historicamente plural e descentralizada, passou nas últimas décadas a demonstrar maior interesse por debates ligados à diversidade ritual, à representatividade étnica e à revisão de narrativas históricas. Esse movimento favoreceu a abertura para o diálogo com tradições maçônicas afrodescendentes e incentivou reflexões mais amplas sobre o papel da Maçonaria na construção de identidades sociais inclusivas.

Em paralelo, portais especializados e publicações maçônicas nacionais passaram a destacar o impacto positivo da presença da tradição Prince Hall no país, sobretudo por introduzir no cenário brasileiro uma vertente fraternal associada à resistência negra, à valorização da memória afro-diaspórica e à formação de lideranças. Essa interlocução ampliou o repertório simbólico e filosófico da Maçonaria brasileira e contribuiu para uma compreensão mais diversa e democrática de sua própria história.

A recepção acadêmica também desempenhou papel fundamental. Pesquisadores brasileiros que atuam em áreas como historiografia da diáspora africana, estudos raciais, antropologia da sociabilidade e história das instituições têm incorporado a Prince Hall como objeto de estudo comparativo. O interesse crescente de universidades brasileiras por temas relacionados à maçonaria, sobretudo na interface com raça e

⁸ Terra. Maçonaria negra recente no Brasil já atraiu nomes como Rappin'Hood. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/maconaria-negra-recente-no-brasil-ja-atruiu-nomes->

como-rappinhood,21b17eeced40e8ef12057a87d44c7ec3zevsw6kk.html

organização comunitária, criou ambiente favorável para que a Prince Hall fosse percebida como fenômeno relevante para a compreensão das dinâmicas sociais e identitárias no Atlântico Sul.

Embora ainda embrionária, a presença da Prince Hall no Brasil possui impacto significativo. Em primeiro lugar, introduz uma dimensão racial e histórica que tradicionalmente permaneceu ausente do imaginário maçônico nacional, oferecendo ao Brasil uma via de diálogo com a maior organização maçônica afrodescendente do mundo. Em segundo lugar, amplia o espectro de pluralidade ritual e institucional presente no campo maçônico brasileiro, historicamente marcado por narrativas eurocêntricas. Em terceiro lugar, desloca o debate sobre regularidade para um patamar historiográfico mais rigoroso, convidando estudiosos e potências nacionais a revisitar fontes primárias, documentos de origem e a própria história do fraternalismo no Brasil.

Em síntese, a inserção da Prince Hall Freemasonry no Brasil constitui um fenômeno recente, porém de grande densidade histórica, cultural e institucional. Sua presença articula diálogos internacionais, instiga revisões historiográficas, enriquece o pluralismo maçônico brasileiro e possibilita novas abordagens sobre identidade afro-diaspórica no interior das sociabilidades iniciáticas. Longe de representar apenas uma expansão territorial da Maçonaria norte-americana, a Prince Hall no Brasil reflete um processo mais profundo de reconstrução simbólica, reconhecimento histórico e ampliação da diversidade que caracteriza a Maçonaria universal no século XXI.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidencia que a Maçonaria Prince Hall ocupa um lugar singular no panorama fraternal global, tanto pela profundidade de sua trajetória histórica quanto pela complexidade de suas relações com o campo maçônico internacional. Desde sua formação no final do século XVIII, a Prince Hall Freemasonry consolidou-se como um instrumento de resistência, afirmação identitária e organização comunitária da população afro-americana, preservando regularidade ritualística e administrativa mesmo diante de contextos marcados por discriminação racial, exclusão institucional e disputas de legitimidade.

A consolidação da Prince Hall como Obediência regular e universalmente legítima reposicionou de maneira decisiva seu estatuto histórico. Esse reconhecimento internacional dissolveu narrativas segregacionistas que, por mais de dois séculos, influenciaram negativamente a percepção de diversas potências maçônicas ao redor do mundo. O processo gradual de reconhecimento nos

Estados Unidos, impulsionado tanto por transformações sociopolíticas quanto por revisões historiográficas rigorosas, tornou-se um marco no enfrentamento das contradições entre os princípios universalistas da Maçonaria e as práticas excludentes que, historicamente, moldaram parte de suas instituições.

No plano internacional, observou-se que a Prince Hall deixou de ser uma organização confinada ao espaço doméstico americano e passou a integrar, com crescente protagonismo, o circuito global das sociabilidades maçônicas. A sua expansão, sustentada tanto por relações diplomáticas quanto pela circulação afro-diaspórica e pela crescente produção acadêmica, demonstrou que a trajetória da Prince Hall transcende fronteiras nacionais e se conecta diretamente ao debate contemporâneo sobre pluralidade, igualdade e responsabilidade social no interior das fraternidades iniciáticas.

A inserção da tradição Prince Hall no Brasil, ainda recente, discreta e em processo de consolidação, representa um capítulo particularmente relevante dessa história. No país, onde debates sobre identidade racial, cidadania e memória histórica assumem dimensões próprias, a presença da Prince Hall introduz novos elementos interpretativos, amplia o repertório simbólico e ritual do campo maçônico e estimula uma revisão crítica de narrativas eurocêntricas que historicamente conformaram a Maçonaria brasileira. A existência de entidades vinculadas à tradição Prince Hall, como a Grande Loja Prince Hall São Paulo, ainda que de forma incipiente, demonstra que há interesse crescente pela experiência maçônica afrodescendente e pela conexão com a maior Obediência negra do mundo.

Além disso, o diálogo entre maçons brasileiros, pesquisadores, instituições Prince Hall americanas e centros acadêmicos tem criado um campo fértil para investigações sobre fraternalismo afro-diaspórico, sociabilidade negra e construção identitária em contexto atlântico. A ressonância que a trajetória da Prince Hall encontra no cenário brasileiro revela afinidades históricas profundas: ambos os países compartilham experiências marcadas pela escravidão, pela luta por cidadania negra e por sistemas sociais que, por muito tempo, reproduziram desigualdades estruturais.

Dessa forma, este estudo permite concluir que a Maçonaria Prince Hall, em sua formação, consolidação, reconhecimento e expansão, constitui não apenas uma instituição fraternal de relevância histórica, mas também um vetor fundamental para a compreensão das relações entre raça, poder, memória e sociabilidade no mundo atlântico. Sua presença no Brasil, embora emergente, aponta para um movimento de pluralização do campo maçônico e para a abertura de novos horizontes interpretativos capazes de

enriquecer tanto a historiografia quanto as práticas fraternais contemporâneas.

A Prince Hall Freemasonry, ao conjugar tradição, resistência, legitimidade e identidade afro-diaspórica, reafirma-se como componente indispensável da Maçonaria universal do século XXI, uma maçonaria que, longe de se restringir às estruturas herdadas da Europa, abre-se para a diversidade de experiências humanas que historicamente moldaram suas múltiplas expressões.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Tenório D'. **A Maçonaria e a Libertação dos Escravos**. Ed. Aurora, Rio de Janeiro, 1970

ANDERSON, James. **Reproduction of The Constitution of the Free-Masons or Anderson Constitutions of 1723 in English and French**. ed. by Maurice Paillard, London, 1952.

Bibliot3ca.com. **A Maçonaria Prince Hall e a luta pelo reconhecimento**. Disponível em: <https://bibliot3ca.com/a-maconaria-prince-hall-e-a-luta-pelo-reconhecimento/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2025.

Brasil Maçom. **Maçonaria Prince Hall: uma jornada de luta, fraternidade e legado afro-americano**. 2021. Disponível em: <https://www.brasilmaçom.com.br/maconaria-prince-hall-uma-jornada-de-luta-fraternidade-e-legado-afro-americano/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

CARVALHO, William Almeida de. **Prince Hall: uma maçonaria desconhecida**. Freemasons-Freemasonry.com, 2004. Disponível em: <https://www.freemasons-freemasonry.com/14carvalho.html>. Acesso em: 11 nov. 2025.

DUMENIL, Lynn. **Freemasonry and American Culture**. 1880–1930. Princeton: Princeton University Press, 1984.

IstoÉ. **Prince Hall: saiba o que é e quem faz parte da maçonaria negra no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://istoe.com.br/prince-hall-saiba-o-que-e-e-quem-faz-parte-da-maconaria-negra-no-brasil/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PIKE, Albert. **Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry**. Charleston, 1871.

PrinceHall.org. **Prince Hall Freemasonry – Official**. Website. Disponível em: <https://princehall.org/prince-hall-freemasonry/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Revista Raça. **Maçonaria Prince Hall: história, expansão e consolidação no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/maconaria-prince-hall-historia-expansao-e-consolidacao-no-brasil/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Terra. **Maçonaria negra recente no Brasil já atraiu nomes como Rappin’Hood**. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/maconaria-negra-recente-no-brasil-ja-atraiu-nomes-como-rappinhood,21b17eeced40e8ef12057a87d44c7ec3zevsw6kk.html>. Acesso em: 11 nov. 2025.

VOORHIS, Harold V. B. **An Encyclopaedia of Freemasonry: Ritual, History and Jurisdiction**. New York: Philosophical Library, 1970.

WALKES Jr., Joseph A. **Black Square and Compass: 200 Years of Prince Hall Freemasonry**. Richmond: Macoy Publishing, 1994.